

Intelectualidade e cotidiano: a comida no sertão de Câmara Cascudo

Gabriela Macedo dos Reis Corrêa¹

Resumo: Luís da Câmara Cascudo foi um intelectual brasileiro que registrou em diversos escritos o cotidiano, sobretudo dos povos sertanejos. Em suas abordagens do cotidiano, Cascudo trata com frequência do tema da alimentação, tendo publicado obras dedicadas exclusivamente ao assunto. Quando buscamos a alimentação como ponto de partida para compreender questões sociais, culturais e políticas do país, faz-se necessário considerar a produção de Cascudo. Com um objetivo posterior de analisar a presença da alimentação nos estudos de Luís da Câmara Cascudo que buscavam a construção de uma identidade nacional, pretendemos neste artigo contextualizar a obra *Viajando o Sertão*, publicada em 1934, dentro da produção intelectual brasileira e identificar como a alimentação aparece nesta obra como elemento útil para compreensão da população sertaneja.

Palavras-chave: Câmara Cascudo, alimentação, sertão.

Intellectuality and the daily life: the food in Câmara Cascudo's sertão

Abstract: Luís da Câmara Cascudo was a Brazilian intellectual who recorded in several writings the daily life and habits of the sertanejo people. In his approaches of the daily life, Cascudo frequently talks about the theme of food, having published works dedicated exclusively to the subject. When we seek food as a starting point to understand the country's social, cultural and political issues, it is necessary to consider Cascudo's works. With the later purpose of analyzing the presence of food in Luís da Câmara Cascudo's studies that sought the creation of a national identity, we intend in this article to contextualize the work *Viajando o Sertão*, published in 1934, within Brazilian intellectual production and to identify how food appears in this work as a useful element for understanding the sertaneja population.

Key-words: Câmara Cascudo, food, sertão.

Artigo recebido em 27/11/2018 e aceito em 17/01/2019

Introdução

Folclorista, etnógrafo, provinciano, marginalizado. Diversos são os adjetivos encontrados nos estudos que tratam de Luís da Câmara Cascudo. Inserido na intelectualidade brasileira da década de 1930, Cascudo possuía uma abordagem que privilegiava o cotidiano e muito escreveu sobre o sertão. Por abordar temas considerados triviais, seus estudos foram pouco valorizados pelas ciências sociais da época. Em se tratando de história, Sérgio Buarque de Hollanda, Gilberto Freyre e Caio Prado Jr. são autores consolidados para o estudo do Brasil. No entanto, quando buscamos a alimentação como ponto de partida para compreender questões sociais, culturais e políticas do país, faz-se necessário considerar a produção de Cascudo. Neste sentido, apontamos a alimentação enquanto objeto de estudo da história como algo relativamente recente (sobretudo a partir da década de 1970) e o também recente olhar para Câmara Cascudo enquanto parte da intelectualidade brasileira que muito influenciou estudos posteriores a partir de suas ideias construídas sobretudo no contexto histórico da primeira metade do século XX.

Com um objetivo posterior de analisar a presença da alimentação nos estudos de Luís da Câmara Cascudo que buscavam a construção de uma identidade nacional, pretendemos neste artigo: 1. contextualizar a obra *Viajando o Sertão*^{II}, publicada em 1934, dentro da produção intelectual brasileira e 2. identificar como a alimentação aparece nesta obra como elemento útil para compreensão da população sertaneja.

Segundo Schwarcz e Botelho^{III}, o chamado “pensamento social brasileiro” engloba pesquisas sobre as tradições intelectual, cultural, social e política brasileiras e não tem evidenciadas as fronteiras entre o pensamento social e outros campos do conhecimento nas ciências humanas e mesmo outras áreas de pesquisa. Para eles, isso não constituiu uma limitação mas mostra o caráter multidisciplinar desta área de pesquisa. Essa flexibilidade e amplitude estaria revertendo a imagem difundida no passado de que a pesquisa em torno do pensamento social como um tipo de conhecimento teria menor significação para a sociedade e para as ciências sociais. A vida social não envolve apenas recursos e estruturas materiais, mas também imateriais – simbólicos, culturais e políticos^{IV}. É neste lugar que está a alimentação.

José Murilo de Carvalho^V menciona dois tipos de abordagem na história intelectual feita no Brasil. O primeiro tipo tratava de expor o pensamento de cada intelectual isoladamente, uma história centrada no pesquisador, do qual acreditava-se possível interpretar as ideias com exatidão. O segundo tipo buscava contextualizar socialmente as ideias do intelectual. Carvalho comenta também que as pesquisas mais recentes combinam a análise de pensadores, de correntes e de contexto institucional.

Para Maria Arminda do Nascimento Arruda^{VI}, a história das ideias toma a produção intelectual em si mesma, integrando obras numa sucessão temporal, distinguindo diferentes períodos a partir de determinados princípios considerados comuns a um conjunto de textos. Segundo a autora, isto impossibilita a categorização de divergências tanto de autores quanto de obras que escapam à sequência. A história intelectual, ao contextualizar as trajetórias, experiências vividas e a produção de cada um a partir de suas inserções sociais, dessacraliza a vida intelectual. Segundo Nísia Trindade Lima^{VII}, deve-se considerar que a elaboração de uma teoria sobre a sociedade brasileira ocorreu concomitantemente ao processo de formação de uma *intelligentsia* no país, superpondo-se os temas da identidade nacional e da identidade dos intelectuais.

Identidade nacional nas tradições populares

Cascudo escreveu em diversos gêneros: crônica, ensaio, poesia, livros de viagem, memória. Sua produção também está em diversos campos de conhecimento: etnografia, história, estudos literários, ciências sociais. Seus escritos remetem, muitas vezes, à sua experiência pessoal de infância no sertão nordestino e adquirem dimensões de memória pessoal e coletiva. Uma memória que aparece como sinônimo de tradição e cultura^{VIII}. Conforme argumenta Nísia Trindade Lima^{IX}, há uma arbitrariedade em se conceber uma intencionalidade e racionalidade absolutas ao intelectual. Há de se considerar que ao falar do mundo, o intelectual também está falando de si, existindo, portanto, um teor biográfico em seus textos.

Cascudo nasceu em 1898, em Natal, capital do Rio Grande do Norte. Faleceu no mesmo local, em 1986^X. Começou a carreira como escritor aos vinte anos, como cronista no jornal *A Imprensa*, fundado por seu pai em 1914 e por ele mantido até 1927. Inicialmente escrevia suas crônicas assinando com seu próprio nome a coluna *Bric-à-brac*, mas a partir de 1921 passou a utilizar algumas vezes apenas o primeiro nome ou suas iniciais L. C. C., além de pseudônimos como Danton de Castro, Paulo Zoya ou Exalmir. Deixando o jornal de seu pai em 1924, Cascudo continuou escrevendo crônicas em jornais do Rio Grande do Norte, como *A República*, *O Diário de Natal* ou *O Poti*; de outros estados do Nordeste, como o *Diário de Pernambuco* ou a *Tribuna do Norte*; e ainda escreveu para o Sudeste, como no jornal o *Estado de São Paulo*, para o qual escreveu de 1957 a 1959 e o *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro. Neste último, estreou em 1937 com uma crônica sobre a origem do povo potiguar, na qual ele recorre ao mito fundador das três raças^{XI}.

No início de sua formação intelectual, Cascudo foi para Salvador, com o propósito de estudar Medicina, e logo depois para o Rio de Janeiro, onde desistiu de tudo e retornou para Natal. Decidiu, então, cursar Direito na Faculdade de Direito de Pernambuco, local da *intelligentsia* do Nordeste desde o final do século XIX. Iniciando sua carreira na década de 1920, o cenário era de discussões a respeito da nacionalidade, debate presente no modernismo paulista de Mário de Andrade e no movimento regionalista proposto por Gilberto Freyre. A antropologia de Cascudo se encontra em meio a esses debates^{XII}. Na década de 1930, que vivia uma configuração pós-revolução, nota-se uma produção folclórico-etnográfica de Cascudo, com a publicação de *Viajando o Sertão*, em 1934, e *Vaqueiros e Cantadores*, publicada em 1939^{XIII}. O autor estava inserido no pensamento vigente da época, buscando uma identidade nacional em tradições locais e expressões culturais populares^{XIV}.

Cascudo publicou uma série de seis crônicas no jornal *A República*, em 1929, com o título de *O diário dos 1.104 Kmts*. Os textos trazem os relatos do escritor a respeito de uma viagem realizada em 1928 com Mário de Andrade pelo sertão nordestino. Uma segunda série de crônicas foi publicada no mesmo jornal em 1934 e posteriormente reunida em livro intitulado *Viajando o sertão*. Trata-se de dezoito crônicas escritas em nova viagem pelo sertão, feita em 1934, na companhia de autoridades locais e do interventor federal, Mário Câmara^{XV}. Nas crônicas, escreve a partir da perspectiva de quem conhece o sertão e pode, portanto, apresentá-lo a alguém. Dominando também os códigos intelectuais e cosmopolitas, ocupa essa posição de intérprete do sertão para a intelectualidade^{XVI}.

Conforme consta no prefácio da edição analisada para este artigo, escrito por M. Rodrigues de Melo, os títulos dos capítulos I ao IV só foram colocados depois, na preparação do livro *Viajando o Sertão*, não constando na publicação do jornal. O capítulo VI, chamado *Igrejas e arte religiosa* possuía o título *Arte religiosa* quando publicado n' *A República*. A retificação foi feita pelo autor para a primeira edição do livro. Ocorreu uma repetição do número XI no título dos capítulos publicados no jornal, o que resultou em supostos dezessete

capítulos na primeira versão do livro, pois a contagem errada foi mantida. M. Rodrigues de Melo acrescentou à segunda edição a publicação em apêndice do artigo *Uma aldeia de negros no Seridó*, de autoria de Otávio Pinto. Todas as referências feitas no presente artigo estarão de acordo com as modificações realizadas para a publicação da segunda edição.

Nesta série *Viajando o sertão*, Cascudo escreve crônicas sobre a vida sertaneja, aborda práticas de sociabilidade, a cozinha sertaneja, santeiros, igrejas, arte religiosa e o cangaço. Recorre à sua infância no sertão como argumento de autoridade e não escreve “sobre a” cultura popular, mas “a partir da”^{XXVII}. Cascudo fala como etnógrafo nativo, partindo da noção de que ele sempre esteve ali, diferente do “eu estive lá” dos antropólogos sociais ingleses e dos antropólogos culturais norte-americanos^{XXVIII}. Segundo Neves^{XXIX}, o historiador deve buscar nos relatos de Cascudo o entrecruzamento entre registro e invenção, característico de toda memória.

Com a proposta de documentar o sertão nordestino, Câmara Cascudo abordava um sertão que, para ele, estava em desaparecimento^{XX}. Definindo a si mesmo como um “provinciano”, pode-se dizer que Cascudo escreve do ponto de vista da “província” em oposição ao universo da “metrópole”^{XXI}. Cascudo estaria falando de uma cultura tradicional (de um Brasil dos séculos XVI ao XIX) sobrevivendo ao Brasil moderno (do século XX). Segundo a historiadora Margarida de Souza Neves^{XXII}, o “moderno” e o “progresso” aparecem como causadores de uma morte do genuíno, como ameaça às tradições do sertão.

Tratando de um Brasil tradicional, além de sua experiência biográfica como membro da elite nordestina, muitas das fontes que Cascudo utiliza em suas diversas obras são textos de viajantes dos séculos XVI ao XIX, textos literários e estrangeiros. Gonçalves^{XXIII} propõe que vejamos o Brasil tradicional e o Brasil moderno de Cascudo não como momentos históricos sequenciais, mas como dois modos distintos de interpretar a vida social e cultural do Brasil contemporâneo.

Neves^{XXIV} cita um silêncio a respeito da militância política de Cascudo durante os anos 1930. Em 1933, Cascudo assumiu a chefia da Ação Integralista Brasileira no Rio Grande do Norte, com Francisco Vêras Bezerra e Miguel Seabra Fagundes. Em maio do ano seguinte, tornou-se colaborador do jornal integralista *A Ofensiva*, publicado no Rio de Janeiro sob a direção de Gustavo Barroso. Foi realizada neste mesmo ano a viagem que deu origem a série *Viajando o Sertão*. Sendo assim, apesar dessas crônicas não possuírem caráter militante e do autor ter como foco principal o registro do sertão, é possível notar algumas alusões ao integralismo. Segundo Neves^{XXV}, o autor defende o conceito de raça pura, faz inferências eugenistas e enfatiza a família como princípio e fundamento da sociedade. O que sobressai, no entanto, é a oposição feita por Cascudo entre a tradição e o moderno, apontando sempre uma ameaça que ronda as tradições do sertão e o que ele (ainda) conserva de autêntico.

A realização do Primeiro Congresso de Regionalistas do Nordeste em Recife, em 1926, selou o apoio de Cascudo ao movimento regionalista e tradicionalista liderado por Gilberto Freyre, o qual, através do *Manifesto Regionalista*, convocava intelectuais nordestinos a defenderem as tradições culturais nordestinas. Em 1934, Cascudo foi eleito membro da *Société des Americanistes* e, em 1936, estabelecendo diálogo com Mário de Andrade, iniciou a publicação de artigos na *Revista do Arquivo Municipal de São Paulo*, em seção intitulada *Arquivo Etnográfico*. Estes acontecimentos explicitam o reconhecimento de Cascudo como etnógrafo. A criação da Sociedade Brasileira de Folclore em Natal, criada em 1941 e liderada por Cascudo reafirmou seu espaço no movimento folclórico que existia em nível nacional. A partir da década de 1950, Cascudo publica muitas de suas obras folclóricas, como *Anúbis e outros ensaios* (1951), *Meleagro* (1951), *Literatura Oral* (1952), *Cinco Livros do Povo* (1953), *Dicionário do Folclore Brasileiro* (1954), *Jangada* (1957) e *Rede de Dormir* (1959)^{XXVI}.

Em suas abordagens do cotidiano, Cascudo trata com frequência do tema da alimentação, tendo publicado obras dedicadas exclusivamente ao assunto, como *História da Alimentação no Brasil* (1967) e *Antologia da Alimentação no Brasil* (1977). Através da comida, ele desenvolve reflexões acerca da identidade regional e nacional. Suas obras mencionam o preparo e consumo de comidas e bebidas, percebidos nas festas, rituais, narrativas, linguagens etc^{XXVII}.

Estudos de antropólogos, sociólogos e historiadores dedicados à análise da vida cotidiana (consequentemente, da alimentação) floresceram a partir dos anos 1970 no Brasil, pois foi nesse período que estes aspectos passaram a ser vistos como relevantes para o estudo de intelectuais. Câmara Cascudo, já na década de 1930, trazia o cotidiano em suas publicações, e na década de 1960 produziu obras exclusivamente sobre a alimentação. Antecipando-se a esse momento descrito, por tratar de assuntos considerados banais, o folclorista acabou ocupando posição marginal no sistema acadêmico do Brasil. Os temas considerados relevantes debatiam as políticas de Estado, a modernização, os partidos políticos e o desenvolvimento econômico. É a partir da década de 1990 que as obras de Cascudo ganham novo interesse por parte de intelectuais brasileiros^{XXVIII}.

Foi a publicação, em 1991, das Cartas de Mário de Andrade para Luís da Câmara Cascudo, editadas por Veríssimo de Melo, que determinou a presença de Cascudo no primeiro panorama nacional do modernismo. Até então, a bibliografia sobre o assunto e também a historiografia literária brasileira costumava ignorar o papel de Cascudo. O autor já era reconhecido em escala nacional como importante etnógrafo desde os anos 1930, mas a partir da publicação das cartas de Mário de Andrade ele tornou-se presente no modernismo e relevante produtivamente antes dos anos 1930. Percebia-se que Mário de Andrade não teria trocado mais de cinquenta cartas com alguém que não fizesse parte de seu universo. Como esta edição trazia apenas as cartas de Mário de Andrade, a imagem passada era de um Câmara Cascudo que apenas acatava os conselhos do outro. No entanto, uma nova edição organizada por Marcos Antonio de Moraes incluiu as cartas do etnógrafo, evidenciando a existência não de um monólogo, mas de um diálogo entre intelectuais^{XXIX}.

De modo geral, o estudo do pensamento social brasileiro privilegiou os intelectuais ligados ao modernismo, numa reflexão sobre os caminhos da nossa modernidade cultural e busca das origens do pensamento moderno. Um número significativo de trabalhos foi escrito ao longo dos anos 1990, com reflexões que parecem movimentar-se no mesmo universo de indagações dos autores estudados. Há uma retomada das mesmas questões formuladas pelos intelectuais analisados^{XXX}.

A comida sertaneja como representativa da tradição

Em 1934, em *Viajando o sertão*, a alimentação está presente como elemento estruturante de culturas tradicionais. Em seus escritos, a alimentação aparece em religiões, medicina, festas e provérbios^{XXXI} – todos elementos representativos da tradição sertaneja. Conforme aponta Gonçalves (2004), essas oposições tradição/modernidade, província/metrópole, passado/presente e popular/erudito são muito utilizadas por Cascudo. Essas diferenciações fazem parte da abordagem do folclorista de um Brasil tradicional e um Brasil moderno. Segundo Lima (1999), é notada uma espécie de existência de *dois Brasís*, um país moderno e outro país refratário à modernização. Além de Cascudo, Euclides da Cunha, Roquette-Pinto e Monteiro Lobato seriam intelectuais de uma corrente de pensamento voltada para a incorporação dos sertões. O caráter de resistência a mudança atribuído ao sertão pode adquirir conotação negativa ou positiva. No caso desses autores, trata-se de uma autenticidade do sertão em contraste ao parasitismo do litoral^{XXXII}.

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

No capítulo VIII de *Viajando o Sertão*, intitulado *Intelectualidade sertaneja*, Câmara Cascudo deixa nítida esta noção do sertão como local de conservação de uma tradição genuína, em oposição ao litoral, local de mistura das culturas. Ao mesmo tempo, denuncia as ameaças à manutenção dessa tradição sertaneja. Para ele, a intelectualidade do sertanejo aparece em suas anedotas e no encanto pelo trabalho realizado por suas próprias mãos, o que o autor define como uma “inteligência mais irradiante que aquisitiva”^{XXXIII}.

No Capítulo VI, *Igrejas e arte religiosa*, temos outros exemplos de como Cascudo vê uma modernidade que desaparece com as tradições do sertão. O autor menciona que a igreja era a fisionomia arquitetural mais típica das cidades e vilas, e denuncia o aniquilamento de um barroco que corresponderia ao verdadeiro estilo religioso brasileiro. Para ele, este estilo barroco ainda podia ser notado nos portões dos cemitérios, locais que teriam escapado às remodelações modernas^{XXXIV}.

O etnógrafo também reclama a destruição de altares e a remodelação de quase todas as igrejas. Para Cascudo, importava conservar a arte religiosa sertaneja, pois esta teria significado e valor histórico. Como exemplo, ele cita o altar da Igreja de Serra Negra, construído em madeira talhada e simples, e que teria sido destruído e substituído por um altar de tijolo ou cimento^{XXXV}.

Cascudo relaciona os santos de madeira à uma arte produzida diretamente por mãos humanas, em oposição aos trabalhos em gesso e massa, feitos com o auxílio de máquinas. Para ele, o primeiro pode não ser o mais belo, mas é o mais genuíno^{XXXVI}. Reforçando a relação da arte religiosa em madeira com o povo sertanejo, o etnógrafo também cita o caso de São Sebastião em Caraúbas. Relegado a um altar lateral, continuou a ser o santo ao qual o povo recorria^{XXXVII}.

Para Lima^{XXXVIII}, sertão e litoral são imagens de grande força simbólica no pensamento social brasileiro, representando os contrastes entre distintas formas de organização social e cultural. A autora propõe analisar estas categorias à luz do debate que se ocupa da distinção entre “tradição” e “modernidade”. Para ela, poucas perspectivas são tão predominantes na sociologia do século XIX quanto o contraste tipológico entre duas formas de ordem social, por exemplo, “feudalismo” e “capitalismo” (Marx) e “aristocracia” e “democracia” (Tocqueville). Assim, no caso brasileiro, “sertão” e “litoral” seriam dois tipos de ordem social, não historicamente sucessivas, mas justapostas, numa sociedade onde a geografia não se separa da história.

Em “Viajando o Sertão”, a abordagem da alimentação se dá em defesa da comida sertaneja. A visão das três raças aparece no capítulo XV, *Música sertaneja*. Quando trata do samba, o autor comenta as heranças indígena, africana e portuguesa^{XXXIX}.

No capítulo VII, *Em defesa da cozinha sertaneja*, o autor afirma a decadência da tradição e atribui esta decadência ao fato do sertanejo se envergonhar de sua cultura^{XL}, o que já havia sido mencionado no capítulo I, *Entrada*, quando Cascudo cita, entre aspectos difíceis da viagem realizada, a insistência na recepção sertaneja em não oferecer a comida típica. Isto aparece posto como dificuldades como a fome e o frio^{XLI}. No entanto, no capítulo VII, a questão aparece melhor explicada:

O nosso sertanejo disfarça, esconde, mistifica sua culinária quando tem visitas. Crê ficar desonrado servindo coalhada com carne de sol, costelas de carneiro com pirão de leite, paçoca com bananas, milho cozido, feijão verde, o mugunzá que o africano ensinou e a carne moqueada que ele aprendeu com o indígena. Nada mais antipatriótico e desumano que esta modéstia criminosa.^{XLII}

A atitude do sertanejo que se envergonha da culinária que o representa está contextualizada numa sociedade que desvaloriza o que mais próximo está do seu povo e

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

atribui importância ao que vem de fora, como símbolos do que é moderno, do que representa estar atualizado a respeito das novidades. Nesse sentido, é um comportamento que segue as modas ditadas pelo litoral.

No sertão do Rio Grande do Norte a tendência é seguir o litoral no cosmopolitismo alimentar, quase sempre irracional e péssimo. Os tutanos de “corredor” de boi que, misturados com raspadura, constituíam o mistério das supremas vitalidades masculinas, já não têm apreciadores. Não vi comer farinha com açúcar, sobremesa típica, nem angu com ovos, prato de crianças em idade escolar, superior ao Toddy, ao Quaker Oats.^{XLIII}

A alimentação sertaneja aparece muito associada à uma substância representativa de força física e masculinidade. A alimentação justifica a resistência às adversidades como a seca e as vitórias em batalhas travadas contra os índios para se estabelecerem no local. Além disso, Câmara Cascudo também ressalta o sabor e a facilidade de aquisição da tradicional comida sertaneja, o que não justificaria a substituição dessa pelas modernidades do litoral.

O sertanejo precisa convencer-se que de deve à sua forma de alimentar-se a justificação de sua resistência física. [...] O milho e o leite constituem bases alimentares de primeira ordem, e tendo vantagem do sabor e de fácil aquisição. Defendamos a cozinha secular que nos doou músculos serenos e forças gigantescas.^{XLIV}

O fato de Cascudo citar os indígenas como parte das dificuldades a serem superadas para estabelecimento do povo no sertão nos chama a atenção para a visão do intelectual para indígenas e africanos, uma vez que a identidade nacional elaborada por ele se baseia na noção das três raças. As obras de Cascudo se inserem em determinado contexto político de produção intelectual. Conforme aponta Lima^{XLV}, o processo de formação de uma identidade nacional no Brasil esteve associado aos temas da raça e da mestiçagem, ideias fortemente presentes no final do século XIX e início do XX.

No capítulo IX de *Viajando o sertão*, podemos destacar alguns termos que o autor utiliza para descrever os índios. Neste capítulo, intitulado *Fundamentos da família sertaneja*, Cascudo aborda qual seria a constituição do povo do sertão, o qual ele define como “fisicamente forte e etnicamente superior”. Segundo Cascudo, o sertão foi povoado em fins do século XVII para o correr do século XVIII, por pessoas que enfrentaram os índios para conquistar o território. Seriam, portanto, “vitoriosos dos índios, da seca, das feras e da solidão”^{XLVI}.

A figura do indígena aparece nos relatos de Cascudo, como “nômade atrevido”, “índio implacável”, “selvagem”, “aborígene”, como parte de um “cenário hostil”^{XLVII}, um problema que foi vitoriosamente enfrentado pelo povo que ali se fixou por conta da criação do gado, o sertanejo “eticamente superior”^{XLVIII}. Há de se refletir a influência de sua visão a respeito do indígena em seus estudos posteriores que pautaram a alimentação brasileira com base no mito das três raças.

Mártin César Tempass^{XLIX}, aponta para negligência de Cascudo quanto ao papel de grupos indígenas no processo de formação da doçaria brasileira. Entre as possíveis razões para esta invisibilidade, o autor questiona a própria determinação do que é considerado doce. A indústria açucareira é marcante na história da América portuguesa. A monocultura do açúcar dominava a paisagem brasileira e muitos esforços estavam concentrados nesta produção. Com tamanha produção açucareira, os portugueses – que já utilizavam o açúcar desde a Idade Média –, ao utilizarem aqui o açúcar brasileiro, acabaram acentuando este hábito e a doçaria brasileira ficou caracterizada por ser bastante doce.

Cascudo dizia que os indígenas não consumiam doces, mas Tempass^L argumenta que a concepção de doce de Cascudo é uma categoria ocidental não aplicável a todos os pratos adocicados. Como os indígenas não conheciam o açúcar, Cascudo acabou por desconsiderar as contribuições indígenas para a doçaria brasileira. Gilberto Freyre valeu-se do mesmo e, como ambos influenciaram as concepções sobre o assunto alimentação, esta noção continua a ser reproduzida em obras mais recentes.

Tempass^{LI} explica que a ideia de que o doce é um prato que não sustenta e consumido em determinado momento da refeição não se aplica a todas as sociedades. Da mesma forma, não é necessário açúcar para se fazer um doce. Cascudo credita a junção de ingredientes nativos com o açúcar aos portugueses e africanos, mas ignora que os índios já misturavam estes ingredientes com o mel. Sendo assim, ao pensar nos portugueses como principais influentes na doçaria do Brasil, deveria ser levado em consideração o fato de que, por diversas vezes, estes apenas substituíram o mel indígena pelo açúcar ou pelo melado. Um exemplo seria a mistura da farinha de mandioca com mel. Como os portugueses ao desembarcarem no Brasil se valeram dos “sistemas culinários”^{LII} dos indígenas, isto também foi feito com o doce. Além disso, há que se considerar que os indígenas não comiam todos da mesma forma pois possuíam culturas distintas.

Mártin César Tempass^{LIII} também comenta que outros fatores que podem ter contribuído para esse apagamento da influência indígena nos doces são as comidas festivas e os registros de receitas. Os doces indígenas seriam consumidos como alimentos do dia a dia e, portanto, triviais. Não eram servidos em ocasiões festivas e, como os estudos tendem a identificar a cultura alimentar a partir destes momentos festivos, os doces indígenas teriam escapado a isto. Estas receitas não eram consideradas finas e as receitas costumavam ser registradas pelas elites. Desta forma, os doces considerados finos, os doces portugueses, ganharam registro.

A respeito da contribuição africana, vamos utilizar duas questões apontadas por Salatiel Ribeiro Gomes^{LIV} a respeito de uma omissão de traços africanos em alguns segmentos da cultura popular sertaneja: a primeira trata de uma busca da origem de determinadas tradições em outro continente e outro tempo, como na Europa medieval; e a segunda está inserida na concepção de harmonia entre as raças, também presente nas ideias de Gilberto Freyre. Gomes menciona que ao final do século XIX e início do XX, escritores românticos e intelectuais-cientistas criaram a partir do sertão uma ideia de povo dentro da qual o negro não existia. Se escritores como José Veríssimo e Euclides da Cunha afirmavam estar no sertão o sentimento original brasileiro e o cerne de nossa nacionalidade, que implicação o não reconhecimento da presença negra nele?

A ideia de que não há africanidades na cultura sertaneja parte de um pensamento social oitocentista e dos estudos de folclore do século XX, e aparece reproduzida na ausência da representação negra no sertão mostrado nos cinemas, no teatro, na literatura e na música. A existência de quilombos no interior do Nordeste já é suficiente para desconstruir essas narrativas. Da mesma forma como ocorre com a reprodução da ausência de contribuição indígena na doçaria brasileira, muitas representações posteriores a respeito do sertão tiveram como matriz Câmara Cascudo e as ausências presentes em seu estudo vieram se reproduzindo como verdades^{LV}.

Gomes não analisa a obra de Cascudo a partir da alimentação, mas traz uma reflexão a partir da obra *Vaqueiros e Cantadores*. Ao estudar a genealogia da cantoria de viola sertaneja, Cascudo não identifica na mesma os traços de matriz africana e constrói uma ideia romântica de sertão. Cascudo identifica na cantoria de viola elementos da Idade Média europeia, de aedos e rapsodos gregos traçando uma genealogia a partir de nórdicos, gregos e portugueses. O etnógrafo afirma não ter identificado a influência negra nos instrumentos e canto sertanejo.

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

Para Gomes, “*negar as filiações africanas é um artifício de exclusão comum nos discursos implicados em representar/instituir uma identidade*”^{LVI}.

De acordo com Marcos Silva^{LVII}, Cascudo aponta o fato de que cantadores brancos não se recusavam a participar dos duelos com repentistas negros. Ressalta que esses comentários estariam inseridos na mesma década da publicação de *Casa-grande e senzala*, de Gilberto Freyre, momento em que intelectuais e políticas públicas de governo enfatizavam a harmonia racial brasileira e colocavam esta diversidade como trunfo da sociabilidade no Brasil.

Em *Viajando o Sertão*, Câmara Cascudo dedicou um capítulo (capítulo V, *Os Negros*) para explicar a ausência de pessoas negras no Sertão, reforçando uma romantização da mestiçagem e da política de embranquecimento. Cascudo comenta que as relações entre brancos e negros clarearam a população^{LVIII} e afirma não ter visto o negro nos 1.307 quilômetros viajados: “o Negro não viverá dois decênios em massa que mereça saliência”^{LIX}.

A afirmação de não ter encontrado negros no sertão gerou ainda à época a resposta de Otávio Pinto, através de artigo publicado em *A República*, no dia 13 de julho de 1934. Otávio Pinto argumentava que havia uma aldeia de negros no Rio Grande do Norte, na qual comeu carne assada, coalhada com rapaduras e café com tapioca^{LX}.

M. Rodrigues de Melo, que escreve o prefácio que consta na edição do livro trabalhada neste artigo, argumenta a favor de Câmara Cascudo, alegando que o mesmo sabia da existência da aldeia e que não a citou porque o município de Caicó, no qual encontra-se a aldeia, não figurava no roteiro percorrido pelo escritor. Para Rodrigues de Melo, a resposta de Otávio Pinto era, portanto, “inócua, senão infantil”^{LXI}. Cabe ressaltar que M. Rodrigues de Melo fala ligado por “sentimentos de amizade fraternal e simpatia humana”^{LXII} à Luís da Câmara Cascudo.

Inseridas no mesmo contexto salientado por Marcos Silva^{LXIII} em sua análise sobre *Vaqueiros e Cantadores*, na obra *Viajando o Sertão*, publicada cinco anos antes, as menções à figura do negro aparecem como o “escravo de confiança”^{LXIV}, o “negro fiel”, a “mãe de leite”, a “mãe-negra”^{LXV}.

A partir das releituras feitas por Tempass e Gomes podemos fazer análise atualizada das contribuições que Cascudo atribui às culturas indígenas e africanas, com enfoque na abordagem culinária, atentos à apagamentos e/ou construções narrativas que afirmam uma hegemonia portuguesa na comida brasileira e romantizam a mestiçagem no país.

Considerações finais

A produção de Cascudo é essencial para o historiador que queira estudar a alimentação no Brasil. O intelectual propôs categorias para análise da comida enquanto manifestação cultural e buscou traçar as contribuições de diferentes culturas na formação do sistema culinário brasileiro. Ele deixou uma considerável quantidade de registros sobre o assunto, em diferentes gêneros literários, com caráter científico e biográfico. Para estudá-lo deve-se considerar as ideias e o contexto político que o influenciaram e as correntes de pensamento às quais aderiu, bem como compreender que os esforços para a construção de uma identidade nacional na década de 1930 ocorreram simultaneamente à formação desta intelectualidade.

Conforme dito por Angélica Madeira e Mariza Veloso em entrevista à Schwarcz e Botelho^{LXVI}, permanece a possibilidade de releitura dos clássicos e a atualização de suas obras e críticas. Como vimos que os apagamentos feitos por Câmara Cascudo a respeito das contribuições das culturas indígenas para a tradição sertaneja foram reproduzidos por outros intelectuais que, sobretudo no início dos anos 1990, ao levantar questões semelhantes a

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

respeito da identidade nacional utilizaram os escritos de Cascudo sem fazer a devida crítica, também consideramos necessário analisar a retratação do papel das diferentes culturas na alimentação sertaneja. A mesma abordagem de Cascudo a respeito da participação dos negros na construção da alimentação brasileira deve ser analisada com o cuidado necessário, sem desconsiderarmos a importante contribuição de Cascudo no sentido de valorizar a tradicional comida sertaneja, posta como menos significativa num cenário de valorização do que vinha de fora, representando o que estava na moda.

Uma vez que as obras de Cascudo que tratam exclusivamente da alimentação foram escritas mais de 30 anos após *Viajando o Sertão*, deve-se fazer uma análise ampla da produção intelectual do escritor, percebendo continuidades e rompimentos com suas ideias no decorrer do tempo. Outro aspecto da obra de Cascudo a ser analisado com cuidado são as oposições sertão/litoral e modernidade/tradição, que não devem ser vistos como períodos sequenciais, buscando-se uma espécie de cronologia em que um substituiu o outro, mas os enxergando de forma justaposta.

O presente artigo não dá conta de toda a amplitude que a comida ganha nos registros de Cascudo, tendo buscado apenas uma análise dos elementos disponíveis em *Viajando o Sertão*, entre as primeiras publicações do autor. A produção intelectual sobre a alimentação no Brasil precisa ser estudada pelo enfoque de historiadores, considerando a importância da mesma na compreensão da história do país.

Notas

^IMestranda em História pelo Programa de Pós-graduação em História Comparada (PPGHC) da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Pós-graduanda em Jornalismo Gastronômico pelas Faculdades Integradas Hélio Alonso (FACHA).

^{II}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009.

^{III}SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento Social Brasileiro, um campo vasto ganhando forma. **Lua Nova**, São Paulo, 82: 11-16, 2011, p. 11.

^{IV}SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento Social Brasileiro, um campo vasto ganhando forma. **Lua Nova**, São Paulo, 82: 11-16, 2011, p. 13.

^VCARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. **Topoi**, Rio de Janeiro, nº 1, 2000, pp. 123-152.

^{VI}ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Intérpretes do Brasil e o modernismo. XXIX Encontro Anual da ANPOCS, de 25 a 29 de outubro de 2005, Caxambu, MG.

^{VII}LIMA, Nísia Trindade. Intelectuais e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.

^{VIII}SILVA, Marcos. Câmara Cascudo. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (Orgs.). **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 169-180.

^{IX}LIMA, Nísia Trindade. Intelectuais e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999, p. 6.

^XGONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropóloga nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, 33: 40-55, 2004.

^{XI}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs.). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XII}CAVIGNAC, J. A.; OLIVEIRA, L. A. História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: Notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. **Imburana** - Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, n. 2, nov. 2010, pp. 63-75.

^{XIII}GOMES, Salatiel Ribeiro. Vaqueiros e Cantadores: A desafriana cantoria sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. **Padê**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2008.

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

^{XIV}CAVIGNAC, J. A.; OLIVEIRA, L. A. História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: Notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. **Imburana** - Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, n. 2, nov. 2010, pp. 63-75.

^{XV}Os textos são dedicados à Mário Câmara, Anfilóquio Câmara, Antônio Soares Junior, Alcides Franco e Oscar Guedes.

^{XVI}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XVII}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XVIII}GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropóloga nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, 33: 40-55, 2004.

^{XIX}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XX}SILVA, Marcos. Câmara Cascudo. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (Orgs.). **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 169-180.

^{XXI}GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, 33: 40-55, 2004.

^{XXII}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XXIII}GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, 33: 40-55, 2004.

^{XXIV}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XXV}NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs). **História em cousas miúdas**: capítulos de história social da crônica no Brasil. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

^{XXVI}CAVIGNAC, J. A.; OLIVEIRA, L. A. História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: Notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. **Imburana** - Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, n. 2, nov. 2010, pp. 63-75.

^{XXVII}CAVIGNAC, J. A.; OLIVEIRA, L. A. História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: Notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. **Imburana** - Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN, n. 2, nov. 2010, pp. 63-75.

^{XXVIII}GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropóloga nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, 33: 40-55, 2004.

^{XXIX}SILVA, Marcos. Câmara Cascudo. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (Orgs.). **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 169-180.

^{XXX}ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Intérpretes do Brasil e o modernismo. XXIX Encontro Anual da ANPOCS, de 25 a 29 de outubro de 2005, Caxambu, MG.

^{XXXI}GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropóloga nativa de Luís da Câmara Cascudo. **Revista Estudos Históricos**, 33: 40-55, 2004.

^{XXXII}LIMA, Nísia Trindade. Intelectuais e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.

^{XXXIII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 43.

^{XXXIV}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 37.

^{XXXV}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 35.

^{XXXVI}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 38.

^{XXXVII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 37.

^{XXXVIII}LIMA, Nísia Trindade. Intelectuais e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.

^{XXXIX}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 71.

^{XL}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 39.

^{XLI}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 17.

^{XLII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 39.

^{XLIII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 40.

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

- ^{XLIV}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 40.
- ^{XLV}LIMA, Nísia Trindade. Intelectuais e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. **Um sertão chamado Brasil**: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.
- ^{XLVI}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 49.
- ^{XLVII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 48.
- ^{XLVIII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 47.
- ^{XLIX}TEMPASS, Martín César. Os grupos indígenas e os doces brasileiros. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 98-114, jul./dez. 2008.
- ^LTEMPASS, Martín César. Os grupos indígenas e os doces brasileiros. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 98-114, jul./dez. 2008.
- ^{LI}TEMPASS, Martín César. Os grupos indígenas e os doces brasileiros. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 98-114, jul./dez. 2008.
- ^{LII}O autor utiliza o conceito de “sistema culinário” segundo Mahias (1991).
- ^{LIII}TEMPASS, Martín César. Os grupos indígenas e os doces brasileiros. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 98-114, jul./dez. 2008.
- ^{LIV}GOMES, Salatiel Ribeiro. Vaqueiros e Cantadores: A desafrikanizada cantoria sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. **Padê**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2008.
- ^{LIV}GOMES, Salatiel Ribeiro. Vaqueiros e Cantadores: A desafrikanizada cantoria sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. **Padê**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2008.
- ^{LVI}GOMES, Salatiel Ribeiro. Vaqueiros e Cantadores: A desafrikanizada cantoria sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. **Padê**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2008, p. 54.
- ^{LVI}SILVA, Marcos. Câmara Cascudo. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (Orgs.). **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 169-180.
- ^{LVIII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 31.
- ^{LIX}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 31.
- ^{LX}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 93.
- ^{LXI}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 12.
- ^{LXII}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 13.
- ^{LXIII}SILVA, Marcos. Câmara Cascudo. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (Orgs.). **Intérpretes do Brasil**: clássicos, rebeldes e renegados. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 169-180.
- ^{LXIV}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 48.
- ^{LXV}CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009, p. 32.
- ^{LXVI}SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento Social Brasileiro, um campo vasto ganhando forma. *Lua Nova*, São Paulo, 82: 11-16, 2011.

Referências Bibliográficas

ARRUDA, Maria Arminda do Nascimento. Intérpretes do Brasil e o modernismo. XXIX Encontro Anual da ANPOCS, de 25 a 29 de outubro de 2005, Caxambu, MG.

CARVALHO, José Murilo de. História Intelectual no Brasil: a retórica como chave de leitura. *Topoi*, Rio de Janeiro, nº 1, 2000, pp. 123-152.

CASCUDO, Luís da Câmara. **Viajando o sertão**. 4ª ed. São Paulo: Global, 2009.

CAVIGNAC, J. A.; OLIVEIRA, L. A. História e etnografia nativas da alimentação no Brasil: Notas biográficas a respeito de um antropólogo provinciano. *Imburana - Revista do Núcleo Câmara Cascudo de Estudos Norte-Rio-Grandenses/UFRN*, n. 2, nov. 2010, pp. 63-75.

GOMES, Salatiel Ribeiro. Vaqueiros e Cantadores: A desafrikanizada cantoria sertaneja de Luís da Câmara Cascudo. **Padê**, Brasília, v. 2, n. 1, p. 47-70, jan./jun. 2008.

GONÇALVES, J. R. S. A fome e o paladar: A antropologia nativa de Luís da Câmara Cascudo. *Revista Estudos Históricos*, 33: 40-55, 2004.

INTELECTUALIDADE E COTIDIANO: A COMIDA NO SERTÃO DE CÂMARA CASCUDO

GABRIELA MACEDO DOS REIS CORRÊA

LIMA, Nísia Trindade. Intelectuais e interpretação do Brasil. In: LIMA, Nísia Trindade. *Um sertão chamado Brasil: intelectuais e representação geográfica da identidade nacional*. Rio de Janeiro: Iuperj, 1999.

NEVES, Margarida de Souza. Viajando o sertão: Luís da Câmara Cascudo e o solo da tradição. In: CHALHOUB, S.; NEVES, M. de S.; PEREIRA, L. (Orgs.). *História em cousas miúdas: capítulos de história social da crônica no Brasil*. Campinas: Editora da Unicamp, 2005, p. 237-262.

SCHWARCZ, Lilia Moritz; BOTELHO, André. Pensamento Social Brasileiro, um campo vasto ganhando forma. *Lua Nova*, São Paulo, 82: 11-16, 2011.

_____. Simpósio: Cinco questões sobre o pensamento social brasileiro. *Lua Nova*, São Paulo, 82: 139-159, 2011.

SILVA, Marcos. Câmara Cascudo. In: PERICÁS, L. B.; SECCO, L. (Orgs.). *Intérpretes do Brasil: clássicos, rebeldes e renegados*. São Paulo: Boitempo, 2014, pp. 169-180.

TEMPASS, Martín César. Os grupos indígenas e os doces brasileiros. *Espaço Ameríndio*, Porto Alegre, v. 2, n. 2, p. 98-114, jul./dez. 2008.